

Alfabetizar letrando: um trabalho com o texto na 1ª fase do ensino fundamental

To alphabetize within written communication: a work with text in the 1st phase of elementary teaching

Marcia Aparecida Alferes*
Marta Virgínea Machado Klein**

* Especialista em Gestão pela Faculdade de Educação, Administração e Tecnologia de Ibaiti (FEATI). Pedagoga do Departamento Municipal de Educação de Ibaiti.

e-mail: <educ@ibanet.com.br>

** Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT), Portugal. Docente dos cursos de Administração da FEATI.

e-mail: <profsecr@bol.com.br>

Resumo

Esta pesquisa teve, como referencial teórico, idéias de diversos autores que falam sobre alfabetização e letramento. Levando-se em conta seus conceitos, pretendeu-se identificar e analisar práticas pedagógicas constituintes de um processo de alfabetização. Para este fim, através da pesquisa-ação, foram coletados dados em uma sala de primeira fase do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Ibaiti. A análise dos dados permitiu uma reflexão sobre o papel do professor como mediador neste processo, do aluno como indivíduo reflexivo e ativo em sua aprendizagem e do texto como ponto de partida e chegada do processo de alfabetização.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Texto.

Abstract

This research used as theoretical referential, ideas from many authors that talk about alphabetization and written communication. Their concepts were taken in consideration when intending to identify and analyze pedagogic practices within the alphabetization process. Bearing this in mind data was collected in a classroom of a public elementary school through theoretical and action based research, in the county of Ibaiti. The analysis of the data allowed reflection about the teacher's role as a mediator in this process, the student role as a reflexive being and active in their learning skills, and a analysis of the text as a starting point and final goal in the alphabetization process.

Keywords: Alphabetization. Written communication. Text.

1 Introdução

Segundo novos conhecimentos, a alfabetização não se limita simplesmente a desenvolver no educando a capacidade de ler e escrever, mas que este, possuindo e manejando estas habilidades, possibilita sua participação na vida social permitindo o exercício de talentos socialmente prestigiados. Decorre-se daí a concepção de alfabetização como uma construção social de um projeto coletivo.

Em hipótese nenhuma, a expressão "alfabetização" deve ser relacionada à repetição de sílabas, palavras ou frases, muitas vezes estereotipadas, sem nenhuma função comunicativa real, visto que o aluno não é um papagaio que deve repetir o som produzido por seu professor. O prazer com e na leitura não tem como ser alcançado quando se usa o livro, por exemplo, como instrumento de exaustivas cópias, sem função significativa, ou quando o tempo escolar destinado à leitura corresponde apenas à avaliação da dicção ou da pontuação. Ou ainda, quando se privilegia um único tipo de texto: a narrativa ou a literatura, esquecendo que uma das funções principais da leitura ao longo de toda a vida escolar é a informação a partir de textos escritos. Por isso mesmo, a leitura na escola não pode se restringir apenas à leitura de textos nas aulas de Língua Portuguesa, mas deve associá-la às outras áreas como História, Ciências, Geografia e Matemática.

Ao refletir sobre o objetivo central do letramento e suas práticas, e o que comumente ocorre em programas tradicionais, percebe-se que não se prioriza algo fundamental para quem está iniciando esse processo: a compreensão das funções da língua escrita na sociedade.

Para se identificar os aspectos relevantes na significação do processo de alfabetização, precisa-se levar em conta a realidade sociocultural do alfabetizando. Crianças familiarizadas com o uso da leitura e da escrita em seu cotidiano recebem informações sobre as funções sociais da leitura e da escrita, pois participam de eventos em que a língua cumpre tais funções: em seu meio, as pessoas fazem listas de supermercado, preenchem cheques, utilizam listas telefônicas, recebem e emitem telegramas, bilhetes, cartas, convites, usam folhetos de instruções e lêem livros informativos relacionados ao trabalho, livros de literatura, jornais e quadrinhos.

Já as crianças provenientes de famílias de baixa renda, com nível de letramento baixo, não participando de tais atos de leitura e de escrita, chegam à escola ignorando a função e a importância deles e, o pior, não tendo nenhuma expectativa em relação à construção do saber que lhes daria acesso a tais instrumentos. Quando a escola ignora essa realidade, está sonhando a apropriação de um saber que dá sentido ao letramento.

A fim de evitar o desinteresse, o não-engajamento e a desistência por julgar-se incapaz, é preciso trazer a vida para dentro da escola, para que esta instituição possa verdadeiramente instrumentar para a vida toda criança, sem discriminação.

Apesar de ser um objetivo importante da escola, a escrita só é funcional fora dela, ou seja, leitura e escrita são objetos sociais e não objetos exclusivamente escolares. É necessário entender que a escola, em seu todo, deve favorecer um ambiente rico em materiais variados para diferentes explorações, a fim de que a criança compreenda as funções da língua escrita, propondo, além de atividades com a linguagem verbal, outros tipos de linguagem como: a música, a dança, o desenho e o teatro.

Mas ainda é comum, no meio escolar, a observação de que para alguns professores a alfabetização consiste na mera memorização pelo educando da grafia correta das palavras, predominando, em suas práticas, a leitura descontextualizada, a cópia e o ditado.

Se isto acontece mesmo depois dos estudos de Ferreiro e Teberosky (1979), Soares (1985), Kramer (1986), Smolka (1985) e outros, que tiveram forte impacto entre os alfabetizadores, por que alguns professores insistem em métodos considerados tradicionais para concepções atuais sobre alfabetização?

Desse modo, propõe-se desenvolver uma perspectiva social da alfabetização, dentro de um contexto escolar contemporâneo, junto a alunos de classes populares de uma escola pública, focalizando que a alfabetização deve ser construída no cotidiano, mostrando-se ao educando o real significado da escrita e leitura, tentando garantir aos professores a possibilidade de refletir sobre sua prática educacional, tornando-os conscientes de que a observação de como seus alunos aprendem, diante do modo como eles ensinam, é a melhor maneira para se obter sucesso. É importante que estes professores percebam que não é mais possível pensar como antes sobre o processo de aprendizagem da língua escrita.

Pretende-se deixar para trás uma pedagogia de treinamento, conteudista, na qual o erro deve ser evitado a todo custo, superando o modelo tradicional de alfabetização no qual ler e escrever são atividades de codificação e decodificação.

E ainda, mostrar que o aluno proveniente de uma classe social mais baixa é capaz de aprender, se lhe forem oferecidos os meios necessários e adequados para isso. Para tal, não se preocupará com os métodos de ensino, mas com os processos de aprendizagem do sujeito, processos que devem favorecer e estimular o aprender.

2 Objetivos

- Verificar a possibilidade de se alfabetizar e letrar ao mesmo tempo, através de uma prática que tenha o texto como unidade norteadora, na qual os alunos recebam informações sobre as funções sociais da leitura e da escrita, participando de eventos em que a língua cumpre tais funções;

- Identificar quais são os conceitos atribuídos à alfabetização e ao letramento;
- Mostrar aos professores a importância de uma prática de leitura e escrita pautada na significação dos textos.

3 Alfabetização e Letramento: Conceituação e Implcação Prática

Partindo-se do que diz Ferreiro (2003b, p. 19) sobre as práticas convencionais de alfabetização ainda presentes no âmbito escolar, que levam à execução de práticas em que a escrita é trabalhada fora de contexto, sem nenhuma função comunicativa real e nem sequer com a função de preservar informação, toma-se como urgente a necessidade de mudança. Esta requer primeiramente um esclarecimento sobre as teorias que embasam a prática para um repensar sobre os métodos utilizados em salas onde acontece o início da alfabetização.

Segundo Peifer (1998, p. 7), a alfabetização é um processo contínuo que extrapola o tempo e o espaço escolares. É evidente, segundo a autora, que uma criança na 4ª série não pode ainda estar iniciando seu processo de aquisição da linguagem escrita: a alfabetização inicial tem suas especialidades. Contudo, a responsabilidade de formar autores e leitores é de toda a escola e de todas as áreas do conhecimento.

Sendo assim, o presente trabalho, intitulado: “Alfabetizar letrando: um trabalho com o texto na 1ª fase do Ensino Fundamental”, visa abordar a prática cujo ponto de partida é o texto e destaca, nesta fundamentação teórica, o que autores e pesquisadores pensam a respeito dos conceitos de alfabetização, de letramento e do trabalho com o texto na sala de aula.

A definição de conceitos como alfabetização e letramento não pode prescindir de uma análise sócio-histórica das diferentes realidades em que se inserem. Tendo isso em vista, a alfabetização, segundo Amaral (2002, p. 15), já foi sinônimo de conjunto de habilidades técnicas que deveriam ser ensinadas à população. Essa visão retratava os fundamentos de um modelo tradicional de educação que tinha como objetivo o desenvolvimento da razão, através da transmissão dos conhecimentos acumulados a todos os indivíduos, para que estes se tornassem cidadãos esclarecidos, mas que, ao mesmo tempo, adaptados ao seu meio social. O professor tinha o papel de transmissor de modelos e conhecimentos a serem memorizados pelos alunos.

Nessa perspectiva ainda presente em muitas práticas pedagógicas atuais, vê-se a alfabetização sendo realizada de maneira individual, desconsiderando a função social da língua, e valorizando o aprendizado somente do como se escreve corretamente, através da pura decifração e dominação do código escrito.

O autor Paulo Freire (1998, p. 38) faz severas críticas a este tipo de educação, relacionando-a à concepção bancária da educação, que se caracteriza pela narração de conteúdos, dissertação da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado. Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente,

como o seu real sujeito, cuja tarefa é encher os educandos dos conteúdos de sua narração. A palavra se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transformar em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante.

Da crítica ao modelo tradicional de alfabetização, surgem novas teorias que, parafraseando Saviani (1997, p. 18), entende-se que avançam no sentido de analisar o processo educacional com relação à realidade político-social, mas vêem a educação apenas como um instrumento de reprodução da sociedade, considerando a sociedade como determinante unidirecional da educação. Assim, a escola tem como objetivo adaptar o homem à vida em sociedade em busca do equilíbrio social. O professor tem o papel de estimulador e orientador apenas, através de métodos diferenciados e ricos materiais didáticos, pois a iniciativa para o conhecimento deve partir do aluno, que é único. Esta concepção, segundo o autor, traz como conseqüência uma queda no nível da educação popular.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, v. 2, p. 21):

[...] a alfabetização não é um processo baseado em perceber e memorizar (isso não significa que não haja lugar para a percepção e a memória, mas que elas não são o centro do processo), e, para aprender a ler e a escrever, o aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: ele precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem.

Sobre o termo “letramento”, este surgiu no discurso de especialistas nas áreas de Educação e das Ciências Linguísticas a partir da segunda metade dos anos 80. É uma palavra que tem origem na tradução da versão em inglês *literacy*, para o Português, onde letra vem do latim *littera*, e o *cy*, que denota qualidade, condição ou estado. Portanto *literacy* é a condição de ser letrado.

O aparecimento de letramento ao lado de alfabetização ocorreu devido à mudança na maneira de se considerar insuficiente a aquisição da leitura e da escrita para se viver em sociedade. O que se pretende agora é inserir o sujeito nas práticas sociais de leitura e escrita como, por exemplo, que ele realize a leitura de livros, jornais, revistas, escreva bilhetes, cartas, compreenda o texto de uma bula de remédio, de uma receita etc. Não basta que o alfabetizado tenha habilidade de codificar o próprio nome e as letras, mas que tenha a capacidade de usar a leitura e a escrita para uma prática social.

Pensar em alfabetização numa perspectiva de letramento significa, segundo Di Nucci (2001, p. 70)

[...] desenvolver atividades e experienciar situações que envolvam a leitura e a escrita numa perspectiva crítica e não do ponto de vista adaptativo de simples codificação e decodificação do código escrito.

Diante disso, entende-se ser necessária a reflexão sobre a escrita para que ela seja compreendida nos usos e nas funções sociais presentes no cotidiano.

Existem diferenças entre letramento e alfabetização, o que demonstra a necessidade de se obter uma clara concepção do que sejam esses fenômenos e suas

relações, para a realização do ensino e aprendizagem da leitura e da escrita.

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado, como diz Soares (2002, p. 39), pois

[...] alfabetizado é aquele que aprendeu a ler e escrever, e o letrado é aquele que, além de saber ler e escrever usa socialmente a leitura e a escrita, pratica-as e responde às demandas sociais da mesmas.

Ainda Soares (2002, p. 46) resume a diferença entre letramento e alfabetização como sendo o primeiro termo o “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”, e refere-se ao termo alfabetização como sendo a “ação de ensinar/aprender a ler e a escrever”. O ideal, segundo a autora, seria que ambos os fenômenos não fossem inseparáveis no processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, mas que se alfabetizasse letrando.

Porém, de acordo com Ferreira (2003a, p. 30), “letramento no lugar de alfabetização, tudo bem. A coexistência dos dois termos é que não funciona”. Por isso a autora não utiliza a palavra letramento em seu trabalho, mas “cultura escrita”.

Andaló (2000, p. 49) denomina letramento “as ocasiões em que a criança entra em contato com a escrita, em rótulos, cartazes, *outdoors*, jornais, revistas, cartas, bilhetes e outras práticas sociais de lecto-escritura...”. Quanto à alfabetização, a autora descreve como sendo “o processo de construção da língua em seus aspectos notacionais, ou seja, letras, sons, sílabas, palavras, frases, textos, gêneros, normas ortográficas e gramaticais, etc.”

Segundo Di Nucci (2001, p. 55) o letramento “[...] permite ao indivíduo participar efetivamente de uma cultura letrada que exige diferentes usos da escrita no cotidiano. Assim, podemos considerar que o letramento pressupõe e possibilita novas formas de inserção cultural”. Uma das formas para que isto aconteça, de acordo com Nicola e Chiarion (1999, p. 2):

É gerando ações, vivenciando com a criança temas interessantes, estimulando-a com atividades prazerosas de leitura/escrita, buscando sempre o sentido daquilo que se lê e se escreve, interagindo com o objeto de conhecimento que é a linguagem (escrita, oral, plástica...), trocando conhecimentos, estabelecendo relações com as outras áreas de aprendizagem (interdisciplinaridade), aprendendo atitudes, valores e normas [...] que estaremos criando condições para que a criança se alfabetize.

Segundo Marcuschi (2003, p. 21), “o letramento é um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários, por isso é um conjunto de práticas [...]”, já a alfabetização sendo um aprendizado que ocorre mediante ensino, compreenderia “o domínio ativo e sistemático das habilidades de ler e escrever”.

Parafraseando este autor, letrado seria o indivíduo que participa de maneira significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal

da escrita, ou seja, é aquele que além de identificar o valor do dinheiro ou o ônibus que deve tomar, sabe escrever uma carta ou até mesmo ler uma notícia de jornal e compreendê-la.

Para que esse processo aconteça naturalmente, é preciso:

[...] acompanhar, passo a passo, o desenvolvimento das crianças como uma totalidade, propiciando-lhes experiências cada vez mais ricas correspondentes aos estágios em que se encontram, tendo sempre em vista o estágio seguinte. (LIMA, 2000, p. 67).

Nas palavras de Cocco e Hailer (1996, p. 11), a sala de aula deve constituir um espaço estimulador que favoreça o contato da criança com uma certa quantidade e variedade de material escrito.

Os mesmos autores colocam o texto como o ponto central de uma proposta pedagógica, pois ele tem o “[...] significado e permite inferência, dedução e compreensão na leitura e na escrita” (CÓCCO; HAILER, 1995, p. 19).

Alguns textos são mais adequados para o trabalho com a linguagem escrita na faixa etária pesquisada (de 6 a 8 anos), como por exemplo: receitas culinárias; regras de jogos; rótulos; anúncios; cartazes; folhetos; cartas; bilhetes; cartões; convites; histórias em quadrinhos; textos de jornais; parlendas; canções; poemas; quadrinhas; adivinhas e trava-línguas; contos; lendas e fábulas.

E utilizando-se de atividades contextualizadas com esses textos é que o aluno poderá identificar as funções da escrita de acordo com suas necessidades. Algumas dessas atividades podem ser: ouvir e ler livros de histórias, pesquisar sobre assuntos de seu interesse, elaborar propagandas ou rótulos ou escrever bilhetes para seus pais.

4 Caracterização da Pesquisa: Material e Métodos

Paralelo à pesquisa bibliográfica, foi realizada uma pesquisa do cotidiano da sala de aula, em que se teve a oportunidade de refletir sobre as práticas alfabetizadoras dentro da mesma. Nesse sentido, realizou-se a pesquisa-ação, com reflexão permanente sobre a prática, realizando um esforço de compreensão ativa, a partir de um mergulho no cotidiano.

A pesquisa voltou-se para a descrição de situações concretas e para a intervenção da pesquisadora em função da resolução dos problemas detectados, pois a pesquisa-ação exige uma relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada, do tipo participativo.

Como técnicas de investigação, utilizou-se a observação participante em grupo e individual e a leitura do planejamento diário da pesquisadora-docente. Os dados foram coletados a partir de três fontes: observação das atividades de produção escrita, registro do desenvolvimento dos alunos em um caderno de avaliação e registro das atividades no caderno de planejamento. O período utilizado na coleta dos dados foi entre os meses de março a julho do ano de 2004.

A área de aplicação foi a educacional, visto que a metodologia convencionalmente adotada nas escolas está afastada dos problemas urgentes da situação atual da educação. E que a reconstrução de uma nova metodologia não se trata apenas de observar ou de descrever a antiga, mas em saber como planejar ações transformadoras.

Devido às diversidades culturais encontradas na turma, o trabalho pedagógico desenvolvido fundamentou-se em conhecimentos sobre as relações entre linguagem, sociedade e escola, comprometido com a luta contra as desigualdades sociais e não sua legitimação.

A pesquisa-ação foi em nível microsocial, pois abrangeu um grupo composto de 30 crianças, na faixa etária de 6 a 8 anos, dos quais 13 eram do sexo feminino e 17 do sexo masculino, que se encontravam matriculados na 1ª fase do Ensino Fundamental, da Escola Municipal J. A. B. – Educação Infantil e Ensino Fundamental, localizada na região periférica do município de Ibaiti, estado do Paraná.

A escola funciona em prédio de alvenaria, recentemente reformada e ampliada. Possui 7 salas, dando atendimento a 251 alunos, inserida em uma comunidade que possui recursos econômicos insuficientes, moradias precárias, pois a maioria das pessoas trabalha como lavradores, bóias-frias e catadores de papel. A comunidade é participativa, porém não dispõe de muitos recursos essenciais para sua subsistência. Muitos alunos necessitam de atendimento no que diz respeito a vestuário, alimentação, remédios e principalmente material escolar.

Verificou-se, através de conversas informais, que 95% dos alunos da turma pesquisada eram provenientes de famílias com baixo poder aquisitivo, das quais os pais, na sua maioria, trabalhavam como bóias-frias ou eram autônomos. Tendo em vista essas características dos alunos, e que a maioria não tinha contato com atos de leitura e escrita como práticas sociais fora da escola, a prática que aqui será descrita visou trabalhar o processo de letramento juntamente com o de alfabetização.

Portanto, desde o primeiro dia de aula, apresentaram-se aos alunos textos, provenientes de histórias infantis, por serem do interesse deles. O primeiro conteúdo de trabalho foi o alfabeto no seu todo. Através do trabalho com o nome da criança, utilizando-se o crachá e com o nome de colegas e também da professora, apresentaram-se as letras do alfabeto.

Algumas atividades realizadas com os nomes dos alunos foram: listagem de nomes, jogo da caixa com nomes e bingo de nomes.

Com as letras do alfabeto foram feitos alfabetos ilustrados, listagens na sala (com o nome de animais, notas musicais, dias da semana, doces, meios de transporte e brinquedos). Reconstruíram-se algumas das palavras utilizadas nas listagens, perguntando aos alunos quais letras deveriam ser utilizadas, depois as crianças registravam no caderno, e deixaram-se as listagens expostas na sala de aula.

Após o período de apresentação das letras, começado em 9 de fevereiro de 2004, que durou 2 semanas, iniciou-se o trabalho com textos escritos em suportes

socialmente reconhecidos, como: rótulos, placas, bilhetes, cartas, músicas, poesias, livros de literatura infantil, revistas, jornais, livros didáticos, bem como a história de vida das crianças, em um trabalho interdisciplinar com a disciplina de História.

Cada um dos textos escolhidos era lido em voz alta pela professora (que no início foi a leitora e escriba de seus alunos); os alunos ouviam com atenção para posterior interpretação oral e através de desenhos; depois, os que queriam reproduziam oralmente o texto para os colegas.

Após representação através de desenho, retiravam-se do texto as primeiras palavras a serem trabalhadas, destacando-se a letra inicial, mas ao mesmo tempo fazendo um reconhecimento global da composição da palavra.

Exemplo de atividade realizada:

- 1) Leitura da história "O leão e o mosquito", feita pela professora, com a exploração da capa, localização do autor e ano de publicação;
- 2) Reconto oral feito por algumas crianças;
- 3) Dramatização de algumas cenas, em sala de aula, sem a preocupação com cenários ou figurino. O objetivo foi que as crianças entendessem a narrativa, percebendo que a história mostra que não podemos desprezar os outros. Além disso, identificar os personagens, suas características e representá-los através de desenhos;
- 4) Reescrita da história, elaborada por algumas crianças já alfabetizadas;
- 5) Avaliação das produções escritas;
- 6) Criação de atividades pela professora a partir das reescritas.

A atividade de reescrita, como estamos propondo, começando pela leitura do professor e se desenvolvendo com releituras, dramatização, desenho

e texto escrito pela criança, faz com que ela reflita sobre a linguagem, uma vez que precisa aprofundar-se na compreensão da história, para poder criar uma ilustração e reproduzir, por escrito, o que foi lido. (ANDALÓ, 2000, p. 84).

A produção de textos coletivos foi um tipo de atividade utilizada no início da alfabetização, visto que a sala era composta por 30 alunos para uma professora, o que dificultava a produção individual. Sendo escriba dos alunos, a professora reproduzia na lousa ou em cartaz o texto contendo as idéias das crianças. Essas idéias vieram de passeios realizados no bairro e no centro da cidade onde se encontra uma grande variedade de materiais escritos.

Veja um texto coletivo elaborado pela turma em 07/04/04, a partir da leitura do livro "O leão e o mosquito":

O forte e o fraco

O mosquito estava zumbindo na cabeça do leão.

O leão acordou bravo e tentou agarrar o mosquito.

O mosquito desviou do leão e começou a picá-lo.

O leão gritou:

— Ai! Ui! Ai! Ui!

O mosquito deu risada, mas acabou enroscando-se na teia de aranha. A aranha comeu ele.

Aprendemos que não devemos maltratar, nem desprezar os outros.

Todos os textos, depois de realizadas as atividades, foram para as paredes da sala de aula. Em forma de cartaz, o texto pôde ser lido em outras aulas, conforme a necessidade e vontade dos alunos. Os tipos de textos que mais os agradaram, e que eles queriam ler todos os dias foram as músicas e as parlendas. Também utilizou-se a leitura de diversos textos, alguns presentes no cotidiano da criança e outros mais distantes, mas necessários para sua participação na sociedade.

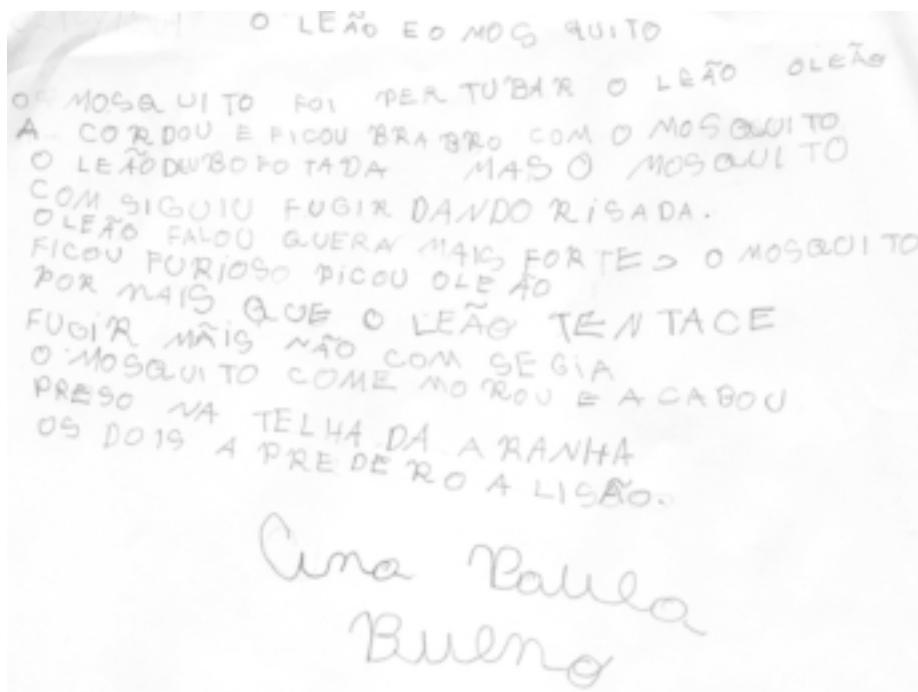


Figura 1. Texto reescrito, após leitura de uma história.

- Caminhada da leitura

Organizou-se um passeio no centro da cidade, onde os alunos visitaram a Prefeitura Municipal e a rua principal do município. Durante o passeio, as crianças observaram, identificaram e leram tudo o que estava escrito, como: cartazes, placas de trânsito, nomes de lojas, nomes das ruas e outdoors. Na volta, já em sala de aula, fez-se um cartaz com todas as palavras que ele haviam reconhecido e estudaram-se as placas de trânsito. Foram realizadas também a leitura e a interpretação do poema “Na cidade tem de tudo”.

- Rótulos

A partir da aula descrita acima, os alunos trouxeram de casa rótulos de vários tipos de produtos: alimentos, produtos de limpeza e higiene pessoal, e discutiram-se as seguintes questões:

- Onde esse texto aparece?
- Para que serve este tipo de texto?
- Quem o utiliza? Onde ele é utilizado? Quem o escreveu?
- Quais as letras que você conhece?
- O que mais chama sua atenção nesse texto?
- Por que utilizaram essas cores para fazer o rótulo?
- Se você pudesse usar outras cores, quais usaria?

- Receita

Mostrou-se uma receita de suco de laranja com cenoura em um cartaz para os alunos, e eles trouxeram de casa os ingredientes para a elaboração da receita. Em seguida, perguntou-se:

- Para que serve esse texto?
- Onde ele é utilizado? Quem o utiliza?
- Quem escreveu o texto?
- Que palavras do texto você sabe ler?

- Bilhete

Em conjunto, a classe escreveu um bilhete para a direção da escola, solicitando a permissão para a realização de um passeio no centro da cidade. Todos participaram dando opiniões e o professor foi o redator. Entregou-se o bilhete e esperou-se a resposta que, é claro, foi satisfatória.

- Música

Além de cantar e interpretar músicas folclóricas brasileiras, perguntou-se:

- A música é rápida ou lenta?
- Quantas partes ela tem?
- Se vocês fossem os autores, que nome dariam para a música?
- Vocês gostaram da música? Por quê?

- Parlenda

Com a parlenda escrita em um cartaz, a turma repetiu e a decorou. A professora leu junto com as crianças e para elas. A turma tentou, a pedido, encontrar no texto determinada palavra da parlenda e observar suas letras. Outra variação foi escolher palavras do texto, copiá-las e contar suas letras, e contar as palavras de uma linha.

- Notícia

As crianças trouxeram notícias de jornais para a sala de aula. A professora leu as notícias e a turma escolheu as mais interessantes para a elaboração de um cartaz, que ficou exposto e pôde ser utilizado em leituras posteriores e comparação com outros tipos de textos.

- Carta

Através da observação de uma carta escrita em um cartaz, perguntou-se:

- Quem escreveu o texto?
- Para quem foi escrito?
- Para que serve?
- Que meio de comunicação utilizamos para mandar esse texto?

- Poema

Leu-se o poema Identidade e foi explicado que cada pessoa é diferente uma da outra, que não vivemos sozinhos no mundo. Fez-se a leitura de uma imagem contida no livro de História.

- Texto informativo

Após a leitura dos textos sobre animais, fez-se a interpretação oral e os alunos, utilizando fantoches, imitaram e questionaram os colegas sobre as características dos animais. Fez-se também um alfabeto ilustrado de animais.

5 Resultados e Discussão

A fim de constatar os resultados, utilizou-se a avaliação formativa, cujo princípio é avaliar os progressos do aluno e propor melhorias para os resultados obtidos, atendendo às diferenças individuais e propondo atividades mais adequadas para superação das dificuldades.

A avaliação como finalidade formativa é aquela que se realiza com o propósito de favorecer a melhora de algo: de um processo de aprendizagem dos alunos/as, de uma estratégia de ensino, do projeto educativo, ou do processo de criação de um material pedagógico, para dar alguns exemplos. (GIMENO SACRISTÁN; PEREZ GÓMEZ, 2000, p. 328).

Sendo de caráter contínuo, avaliou-se, todos os dias, através de observações, o desenvolvimento dos alunos; observações estas que foram registradas no caderno de planejamento e em um diário. Também selecionaram-se bimestralmente algumas atividades escritas e os cadernos dos alunos para ser cuidadosamente avaliados, a fim de subsidiar o histórico do desenvolvimento e servir como instrumento de análise junto aos pais.

Oportunizou-se aos alunos se auto-avaliarem em todas as atividades, através de questões como:

- O que acharam desta atividade?
- O que foi bom? O que não foi?
- O que pode ser melhorado? O que você aprendeu?
- Todos participaram?

No processo de coleta de dados e avaliação, tomou-se como papel do professor ser ele o sujeito reflexivo sobre sua prática; o mediador na relação interpessoal entre os alunos; o facilitador do diálogo; o interlocutor do texto do aluno e o mediador durante a produção escrita. O aluno foi visto como o sujeito que se percebe autor, dialoga, compartilhando sua vivência, questionando colegas e professores, reivindicando ser ouvido e ensinando os outros. Quanto ao texto, considerou-se conteúdo, função, interlocução, grafia e ortografia, bem como paragrafação e pontuação.

Neste contexto, o processo escolar de alfabetização observado mostrou-nos que os alunos descobriram a função social de cada texto trabalhado, entendendo que a sociedade está repleta de situações nas quais se faz necessário usar e interpretar a língua escrita. Além disso, a participação nas atividades de leitura e escrita aumentou, bem como o interesse dos alunos pelos livros e textos. Este interesse foi comprovado porque todas as crianças, no final de cada aula, pediam para contar uma história para os colegas e elaboravam textos em casas, como o caso de uma aluna que começou a escrever livros que, além do texto, era ilustrado por ela;

o desejo de realizar as atividades também se intensificou de tal maneira que o planejamento teve que ser revisto em todas as aulas; os alunos passaram a trazer de casa cartas e bilhetes para a professora, bem como receitas e notícias, e ainda começaram a escrever espontaneamente, sem medo de errar.

Veja o exemplo deste bilhete, escrito após uma aula sobre este tipo de texto (Figura 2).

E este texto produzido a partir de desenhos (Figura 3).

Após a aula sobre a carta, um aluno resolveu escrever uma carta para sua avó, contando que havia aprendido ler e escrever (Figura 4).

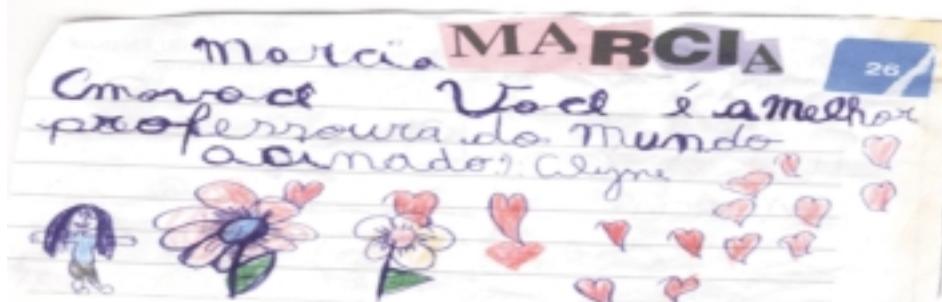


Figura 2. Bilhete trazido de casa pela aluna.

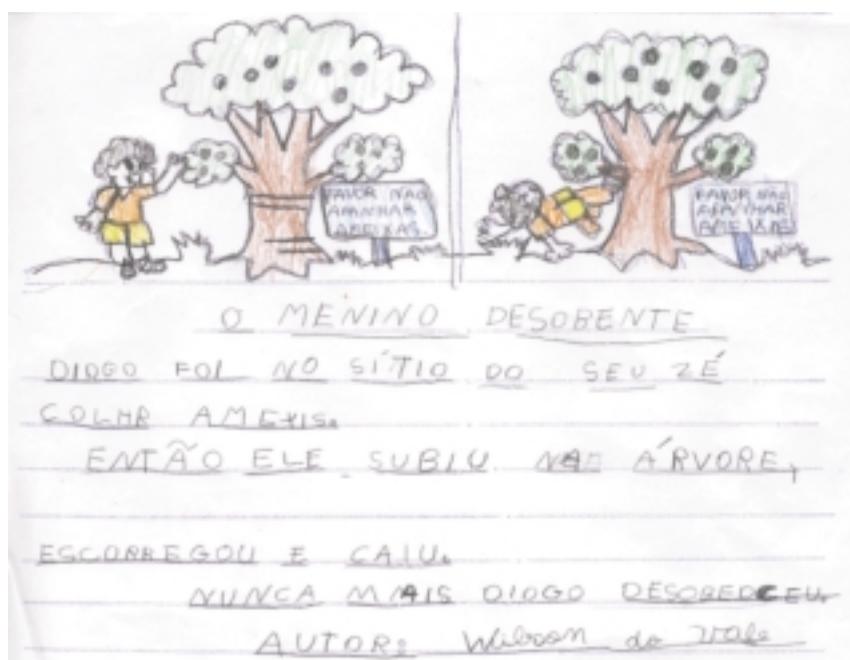


Figura 3. Escrita de texto com a utilização de desenhos.

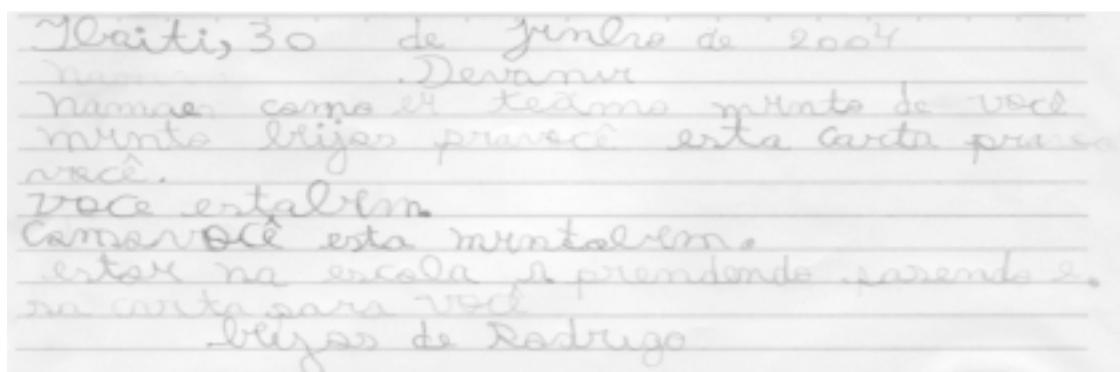
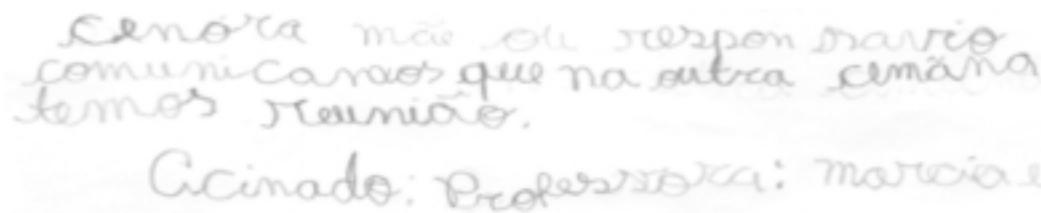


Figura 4. Escrita de uma carta em que o aluno revela o que aprendeu sobre a função social da escrita.



Senhora mãe ou responsável,
comunicamos que na outra semana
teremos reunião.

Acinado: Professora: Marcia

Figura 5. Uso significativo da língua escrita.

Antes das reuniões de pais, os próprios alunos escreveram os convites. Este convite foi escrito sozinho por uma aluna (Figura 5).

Através do estabelecimento de um clima de segurança, confiança, afetividade, incentivo, elogios e limites dentro de sala de aula, muitas crianças tornaram-se mais autônomas, realizando muitas coisas que antes só faziam com ajuda.

Aprendeu-se que crianças, que antes de chegarem à escola não tiveram oportunidade de participar de atividades sociais de leitura e escrita, se forem incentivadas a interagir com textos diversificados na sala de aula, serão capazes de aprender toda a gama de possibilidades de uso desses textos, bem como serem alfabetizadas e letradas ao mesmo tempo de maneira significativa para elas.

Se o trabalho fosse novamente realizado, seria utilizado um tipo de texto para cada dia ou cada semana, escrito em cartaz e com uma cópia para cada aluno acompanhar e ainda seria feita a composição de um livro de histórias com os alunos.

6 Conclusões

A presente pesquisa apresentou uma prática alfabetizadora que considerou o texto como primeiro objeto de estudo a ser trabalhado em sala de aula, destacando-se como ponto de partida e ponto de chegada da alfabetização, ou seja, o ensino das letras, sílabas e frases, partiu dele.

A prática aqui descrita visou colocar a criança em contato com materiais escritos diversos e com histórias lidas pela professora. Desejou-se que os educandos fossem capazes de contar relatos de experiências vividas no seu cotidiano, que reconhecessem as letras do alfabeto, que realizassem cópias, mas que entendessem o que estavam copiando, e que também fossem capazes de realizar suas próprias produções.

A pesquisa foi satisfatória, pois, ao aproximar os alunos do texto, ao rir com eles a graça do mesmo, ao interpretá-lo, ao ver nos olhinhos de cada criança o brilho do prazer de escutar uma história, ou até mesmo de participar dela, percebeu-se o quanto fora válido o medo do início, da mudança, as descobertas e aprendizados do meio e agora no final o prazer de ver um trabalho concluído.

Deixou-se de lado o autoritarismo, as aulas maçantes para sonhar com os alunos, para se achegar mais perto deles e proporcionar-lhes, junto ao aprendizado, a alegria de aprender.

Finaliza-se a pesquisa colocando-se um desafio aos professores alfabetizadores e à escola: o de tornar o aluno habilitado ao uso da linguagem escrita e oral,

numa perspectiva crítica, a fim de formá-lo um leitor e produtor de textos.

Referências

AMARAL, C. W. do. *Alfabetização numa perspectiva crítica: análise das práticas pedagógicas*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

ANDALÓ, A. *Didática de Língua Portuguesa para o ensino fundamental: alfabetização, letramento, produção de texto em busca da palavra mundo*. São Paulo: FTD, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1997. v. 2.

CÓCCO, M. F.; HAILER, M. A. *Didática de alfabetização: decifrar o mundo: alfabetização e socioconstrutivismo*. São Paulo: FTD, 1996, p. 11.

_____. *ALP: análise, linguagem e pensamento: um trabalho de linguagem numa proposta socioconstrutivista*. São Paulo: FTD, 1995.

DI NUCCI, E. P. Alfabetizar letrando... um desafio para o professor. In: LEITE, S. A. da S. (Org.). *Alfabetização e letramento: contribuições para as práticas pedagógicas*. Campinas: Komedi Artes Escritas, 2001.

FERREIRO, E. Alfabetização e cultura escrita. *Nova Escola*, São Paulo, n. 162, p. 27-30, maio 2003a.

_____. *Com todas as letras*. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2003b. p. 19.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Los sistemas d'escritura en el desarrollo del niño*. México: Siglo Veintiuno, 1979.

FREIRE, P. *Educação e mudança*. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GIMENO SACRISTÁN, J.; PEREZ GÓMEZ, A. I. *Comprender e transformar o ensino*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

KRAMER, S. (Org.). *Alfabetização: dilemas da prática*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

LIMA, A. F. S. de O. *Pré-escola e alfabetização: uma proposta baseada em P. Freire e J. Piaget*. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

- NICOLA, J. de; CHIARION, R. A. A. *Novo Tempo*: livro de alfabetização. São Paulo: Scipione, 1999.
- PEIFER, K. *De A a Z tudo pode acontecer!* Belo Horizonte: Dimensão, 1998.
- SAVIANI, D. *Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações*. 6. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.
- SMOLKA, A. L. A linguagem como gesto, como jogo, como palavra: uma forma de ação no mundo. *Leitura: teoria e prática*, Campinas, ano 4, n. 5, jun. 1985.
- SOARES, M. B. *As muitas facetas da alfabetização. Cadernos da Pesquisa*, São Paulo, n. 52, p. 19-24, fev. 1985.
- _____. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

